



**Para além dos muros: a compreensão do Estágio Básico para a Formação em
Psicologia**

Beyond the walls: understanding the Basic Stage for Training in Psychology

Au-delà des murs : comprendre l'étape de base de la Formation en Psychologie

Mauro Batista Negreiros¹

Jane da Silva Paes²

Emilly Rose Oliveira de Paiva³

Gustavo Lima Da Silva⁴

Jéssica Tatiana Pereira Mota⁵

Karla Valentina Cruz Garcia⁶

Márcio Gomes Ribeiro⁷

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Especialista em Saúde Metal, Álcool e Outras Drogas pela Universidade Estadual do Amazonas – UEA. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Kuriós. Bacharel em Psicologia pela UFAM. Docente da Faculdade de Tecnologia da Amazônia – FATEC. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Supervisor no Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. E-mail: m.b.negreiros@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0535-4567>

² Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Especialista em Psicologia Clínica de Base Fenomenológica pelo Instituto de Ensino Vision. Especialista em Saúde Coletiva pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Bacharela e Psicologia pela UFAM. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). Professora do curso de Psicologia da Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO). Preceptora em Psicologia na Pós-graduação em Saúde Pública com ênfase em Estratégia de Saúde da Família (UEA/ESAP). Vice Coordenadora da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Supervisora no Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. E-mail: janedasilvapaes@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9683-8518>

³ Graduanda em psicologia pela faculdade de Tecnologia da Amazônia Fatec. E-mail: emillyroseolieviradepaiva@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-6793-1076>

⁴ Graduando em psicologia pela faculdade de tecnologia da Amazônia Fatec. Email: xgustavosoax@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-8431-907X>

⁵ Graduanda em psicologia pela faculdade de Tecnologia da Amazônia Fatec. Email: jesspm2018@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-4831-9015>

⁶ Graduanda em Psicologia pela faculdade de tecnologia da Amazônia – FATEC. Email: karla151927@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0565-0700>

⁷ Graduando em psicologia pela Faculdade de Tecnologia da Amazônia. E-mail marcioleandro12@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/> <https://orcid.org/0009-0001-7951-7453>

⁸ Graduanda em psicologia pela faculdade de Tecnologia da Amazônia Fatec. Email: m_claudia02@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2981-0017>

⁹ Graduando em psicologia pela faculdade de Tecnologia da Amazônia Fatec. Email: Vitor.marcos.18sd@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-8269-1276>

¹⁰ Graduanda em psicologia pela faculdade de tecnologia da Amazônia- FATEC. E-mail: silvanna.teen@gmail.com Orcid: <HTTPS://orcid.org/0009-0004-4513-048X>



Maria Cláudia da Cruz Oliveira⁸

Marcos Vitor Rodrigues Sangues⁹

Silvana Castro Leite¹⁰

RESUMO

A graduação em psicologia perpassa diversas fronteiras do aprendizado por diferentes perspectivas das possíveis vertentes de atuação, neste sentido, os estágios são primordiais para isso, por essa razão buscou-se aqui descrever como foi a trajetória dos alunos na matéria de estágio básico, atuando de forma observacional no projeto Plantão Psicológico nas escolas públicas de Manaus-AM. As atividades foram previamente instruídas em capacitações, os alunos foram para a prática em campo, receberam o devido acompanhamento preconizando o processo ensino-aprendizagem dos graduandos, com enfoque no desenvolvimento das atividades na modalidade de plantão, tendo como base teórica a Fenomenologia-Existencial, utilizando-se também da proposta da clínica dos três olhares de Castro, uma vez que trabalhar o Projeto de Plantão Psicológico com enfoque na Fenomenologia possibilita a imersão necessária junto aos jovens atendidos pelo projeto, ao se colocar em disponibilidade para acolher possibilitando aos discentes compreensão de que fazer psicologia é ir além do intramuros institucionais, é um fazer primordial para tornar-se psicólogo.

Palavras-chave: Plantão psicológico, fenomenologia, estágio em psicologia, formação acadêmica.

ABSTRACT

The bachelor in psychology crosses different frontiers of learning through different perspectives of possible areas of activity, in this sense, internships are essential for this, for this reason we sought to describe here how the students' trajectory was in the basic internship subject, acting in an observational form in the Psychological Duty project in public schools in Manaus-AM. The activities were previously instructed in training, the students went to practice in the field, received due monitoring recommending the teaching-learning process for undergraduates, focusing on the development of activities in the on-call modality, having Existential Phenomenology as a theoretical basis, also using the proposal of the Castro's three looks clinic, since working on the Psychological Duty Project with a focus on Phenomenology enables the necessary immersion with the young people served by the project, by making themselves available to welcome, enabling students to understand that doing psychology means going beyond institutional walls, it is a fundamental task to become a psychologist.

Keywords: Psychological duty, phenomenology, psychology internship, academic training

RÉSUMÉE

Un diplôme en psychologie traverse plusieurs frontières de l'apprentissage à travers différentes perspectives de domaines d'action possibles, en ce sens, les stages sont



essenciais para isso, é por isso que buscamos descrever aqui como se desenrolou o percurso dos estudantes no tema de base do estágio, agindo em uma forma de observação no projeto Psychological Duty nas escolas públicas de Manaus-AM. As atividades foram previamente ensinadas na formação, os estudantes foram para o campo, receberam um acompanhamento adequado recomendando o processo de ensino-aprendizagem para os estudantes de primeiro ciclo, concentrando-se no desenvolvimento de atividades na modalidade de estágio, tendo a fenomenologia existencial como base teórica, utilizando também a proposta da Clínica dos Três Olhares de Castro, pois trabalhar no Projeto Dever Psicológico com ênfase na Fenomenologia permite a imersão necessária com os jovens atendidos pelo projeto, tornando-se disponível para acolher, permitindo aos estudantes compreender que fazer de psicologia significa além das paredes institucionais, tornar-se psicólogo é uma tarefa fundamental.

Mots-clés : Viragem psicológica, fenomenologia, estágio em psicologia, formação acadêmica.

A disciplina de estágio básico é ofertada nas estruturas curriculares dos cursos de Psicologia como um dos fundamentos na formação de graduação em Psicologia (Castro *et al*, 2024). De forma geral, o estágio básico ocorre nos períodos iniciais do curso e, em muitas ocasiões, caracteriza-se por ser o primeiro contato do discente com sua futura prática profissional. Ao inserir o discente em atividades práticas, principalmente no que concerne à observação da atuação de um profissional, o estágio inicial ou básico visa favorecer a reflexão acerca da postura ética na prática profissional, como também proporcionar atividades de observação, registro, anamnese e exame psíquico, além de promover discussões sobre o conceito de normalidade, conforme aponta Coelho Junior (2022).

Para que a ideia de correlacionar teoria e prática se concretize o aluno é apresentado e inserido no contexto de atuação em psicologia com os cuidados e supervisão adequados, para que no intercâmbio de aprendizagem do aluno isso não represente riscos ou exposição a riscos para os sujeitos envolvidos, que recebem o serviço de psicologia ofertado, contanto com preparo prévio, capacitação, supervisão e todo suporte necessário para que isso ocorra de forma harmônica.

Há diversas áreas para a atuação dos profissionais da psicologia, inclusive o que define a área na qual o profissional que irá atuar é o serviço a ser ofertado e não o local, como exemplo ocorrido no estágio a ser relatado, apesar de se falar no ambiente escolar, a atuação é de plantão em psicologia. Assim sendo, um dos campos que comporta estes alunos é a atuação junto ao Projeto Plantão Psicológico nas



escolas públicas de Manaus. Os alunos inseridos nesse contexto têm por objetivo compreender o trabalho do psicólogo no ambiente escolar, porém vinculados às atividades do serviço de atendimento psicológico no formato de plantão psicológico.

A vivência do plantão é referente à possibilidade da pessoa de reconhecer a si mesma, para além do sofrimento e da dor, é muito mais que isso, envolve uma experiência ontológica, onde o sujeito é recebido por este outro que se presentifica, não para muda-lo, mas também na espera das percepções e potencialidades deste sujeito, no acontecimento da subjetividade. (Mahfoud, 2018).

Destarte, a disciplina buscou identificar e desenvolver as principais habilidades que o psicólogo precisará ter para realizar atendimentos e intervenções. Castro (*et al*, 2024) menciona a importância da disciplina de estágio básico no contexto escolar e a pluridimensionalidade da experiência no plantão psicológico de algumas vivências dos discentes do Curso de Psicologia da uma faculdade particular da Cidade de Manaus – AM, que foram inseridos no Projeto de Plantão Psicológico.

Isto posto, o presente trabalho pretende apresentar as percepções que os referidos discentes obtiveram a partir da participação na disciplina de Estágio Básico, na qual os discente atuaram como observadores da atuação profissional do Psicólogo idealizador do projeto Plantão Psicológico nas escolas públicas da cidade de Manaus-AM. O referido projeto presta atendimento emergência sob o viés da perspectiva clínica dos Três Olhares (Castro, 2023) de inspiração Fenomenológica-Existencial para adolescentes do ensino fundamental e ensino médio e, de acordo com o que diz Cautella Júnior (2009), a atividade de plantão psicológico intenta propiciar à pessoa uma visão mais clara e abrangente em si e suas perspectivas frente às suas questões, promovendo o autoquestionamento, o posicionando frente aos seus conflitos e o poder de fazer escolhas, desta forma, promovendo saúde e possibilitando um resgate da própria identidade.

A partir da perspectiva clínica dos Três Olhares (Castro, 2023), o atendimento de emergência do plantão psicológico objetiva compreender as várias dimensões do olhar desse adolescente sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o olhar do outro (Benício, Gomes & Castro 2023), em busca do sentido de existência por meio da compreensão de seu sofrimento, sem, contudo, garantir alívio ou um viver baseado na experiência de prazer imediato e presente (Chaves & Henriques, 2008).



Inicialmente, parte dos discentes integrantes da disciplina de estágio básico manifestaram seu intento de observar a atuação de um psicólogo profissional no âmbito escolar, ocasião em que foram apresentados ao Projeto de Plantão Psicológico idealizado, implementado e coordenado pelo Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro em escolas públicas municipais de estaduais da cidade de Manaus. Para este profissional, o ambiente escolar é pleno em um aspecto que denomina “circularização social”, onde são efetivadas novas configurações relacionais entre os que compõem o solo educacional: professor-aluno; aluno-aluno; aluno-técnicos; gestores-alunos (Castro *et al*, 2024).

Durante reunião de apresentação do projeto, o profissional destacou que trabalhar com adolescentes na rede pública de ensino sob o olhar da Psicologia, significa compreender a pluridimensionalidade de um adolecer mergulhado por parâmetros socioculturais e históricos que permeiam a “circularização social” dentro do ambiente escolar, marcada por encontro de várias subjetivações em constante processualidade, tornando-se compreensível que essas interações (professor-aluno; aluno-aluno; aluno-técnicos; gestores-alunos) resultem em idealizações e identificações existenciais, onde esse aluno recorre ao professor no qual confia e que, face as dificuldades do existir, sobrecarregam, exaurem, estressam, devido a essa convivência de muita proximidade (Castro *et al*, 2024).

Esse modelo de acolhimento e escuta psicológica nos contextos das instituições do sistema de ensino – seja público ou privado – segundo Mahfoud (2004), pode gerar no aluno adolescente certa apreensão pela presença do psicólogo, pois remete a uma gama de procedimentos já anteriormente vivenciados na escola (intervenção psicossocial– incluindo planejamento e diagnóstico institucional; intervenção clínica, promoção e prevenção em saúde mental, etc).

O profissional abordou ainda que o desenvolvimento cognitivo das crianças é influenciado pelo ambiente educacional, conforme indicou Vigotsky (2003) e compreender a prática de atendimento psicológico de emergência no âmbito educacional é estar em disposição para a compreensão deste ser-no-mundo que tem um caminhar muito singular, pleno em situações dos mais variados detalhes e nuances, como nos diz Heidegger (2015). E é na escola onde a contemporaneidade



do mundo-vivido, a experiência, se moldam e se mostram para os adolescentes (Castro *et al*, 2024).

Apresentando o Projeto do Plantão Psicológico para atendimento de emergência nas escolas públicas de Manaus

O Projeto do Plantão Psicológico tem o objetivo de acolher, escutar e cuidar dos sujeitos envolvidos no contexto escolar, ou seja, alunos, docentes e pais de alunos que procuram o serviço em sua demanda emocional imediata e emergencial sob o viés da Psicologia Fenomenológico-Existencial em escolas da Rede Pública de Ensino em Manaus, conforme foi apresentado por Castro (2023) aos discentes da disciplina de estágio básico.

Segundo Doescher & Henriques (2012), o Plantão Psicológico é uma intervenção que busca acolher o indivíduo em um momento de emergência auxiliando-o a lidar melhor com seus limites e recursos. Sendo assim, orientando-as a buscar o sentido de sua existência através da compreensão de seu sofrimento. O Plantão Psicológico apresenta-se como uma modalidade de atendimento psicológico caracterizada por ser efetivado em um ou mais encontros sem que ocorra a pré-determinação da duração da sessão e objetiva receber quaisquer pessoas no momento de crise, assim como, possibilitar que, aquele que procura o atendimento, possa compreender sua emergência e encaminhá-la a outros serviços, se necessário (Castro, 2023).

Levando em consideração o que diz Cury (1999), o Plantão Psicológico configura-se como uma modalidade de atendimento clínico de caráter emergencial que preconiza a demanda psicoemocional imediata do cliente, funcionando como um serviço que não apresenta necessidade de agendamento prévio e que visa atender ao público que recorre a ele de forma espontânea.

Dessa forma, o plantão psicológico possibilita redimensionar o que é expresso e os faz compreender as fragilidades emocionais, pessoais e relacionais na vida dos adolescentes, a presença das vivências como a baixa autoestima, o vazio existencial, a ansiedade, o bullying e entre outras, eram percebidas em seus relatos. Para Castro (2023), o outro chega ao encontro do psicólogo com o olhar voltado para si mesmo: algo causa sofrimento, mas não sabe como enfrentar, assim, se apresenta ao mundo como a própria dor. O atendimento não se visa somente a catarse do que está sendo



experienciado pela pessoa, ainda que esteja inclusa, mas seu objetivo é facilitar compreensão mais ampla da pessoa e da situação (Castro, 2023).

Portanto, essa modalidade de atendimento é um tipo de atividade que se completa em si mesma, podendo ocorrer em uma ou até 5 sessões – no caso específico – sem tempo de duração pré-determinado e que atende o adolescente no momento de sua crise, na própria escola e tem como objetivo facilitar a compreensão do que está vivenciando, da sua demanda trazida naquele momento. Os plantonistas responsáveis pelo atendimento são alunos de vários cursos de Psicologia da cidade de Manaus, desenvolvendo suas atividades em escolas da rede pública estadual e municipal de ensino (Meira & Castro, 2023).

Contando um pouco da História do Plantão Psicológico

Castro (2023) informa que o plantão psicológico surgiu no Brasil a partir do crescimento da demanda por atendimento psicoterápico e a consequente dificuldade em seguir processos de terapia mais extensos por grande parcela da população cujo propósito era solicitar ajuda em questões urgentes e pontuais.

Em solo nacional, a primeira experiência de implementação dessa modalidade de atendimento psicológico foi efetivada por Rachel Rosemberg nos idos dos anos 60 e 70 no Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo sob o viés da Abordagem Centrada na Pessoa. Para essa autora, o surgimento do plantão se deu pela escuta de demandas sociais e a necessidade da propositura de novos modelos que dessem conta da demanda social aumentada. Assim, tornou-se necessário repensar a origem de tensões, conflitos e crises evidenciadas cotidianamente na vida de milhares de pessoas (Castro, 2023).

No caso da implantação do Plantão Psicológico para atendimento de emergência nas escolas públicas de Manaus, o projeto iniciou-se em fevereiro de 2022 em uma escola estadual de ensino fundamental e estendeu-se, inicialmente, para mais 12 escolas (Meira & Castro, 2023)

Compreendendo as possibilidades do Plantão Psicológico

O Plantão Psicológico (PP) é um tipo de atividade de intervenção psicológica que proporciona o acolhimento da pessoa no momento da urgência para que ela passe a lidar melhor com seus recursos e limites que muitas vezes não é percebido por ela mesma. Castro (2023) indica que o Plantão psicológico pode propiciar que a



peessoa enxergue com maior clareza as perspectivas frente às facticidades que a tem atingido e com as quais tem dificuldades de lidar, possibilitando novo significado. Segundo o autor, “o PP possibilita minimizar desde a angústia por problemas pessoais do tipo crises passageiras em uma relação afetiva até casos de comportamentos autodestrutivos e auto lesivos” (2023, p. 14). Para este autor, a demanda psicológica trazida pelo estudante é acolhida no plantão implementado na escola, ocasião em que o aluno é auxiliado a lidar com suas dificuldades, a compreender seus próprios limites e desvelando seus próprios recursos até aquele momento não foram percebidos por ele mesmo.

Na atividade do PP, apresenta-se a possibilidade do outro se autoquestionar e dessa forma reconhecer seus próprios conflitos, de tal forma que também lhe seja possível compreender a dimensão das suas escolhas. Para Castro (2023) “o plantão psicológico é efetivamente compreender que esse outro é um contínuo vir-a-ser! Pois, a partir de meu olhar de generosidade sobre ele e sua historicidade aprendo mais de mim mesmo, minhas impossibilidades, minhas possibilidades” (p. 18). Assim, é desejável que o aluno proceda no resgate da sua própria identidade e com isso de proporciona a promoção da saúde.

Discutindo o “fazer psicologia” nas escolas públicas de Manaus

Lima, Carvalho & Pires (2020) revelam que a proposta do Plantão Psicológico surge como uma modalidade da clínica psicológica focada no atendimento de demandas emergenciais e urgentes.

As dificuldades de acesso aos serviços de Psicologia ainda afetam grande parte da população, por diversos fatores, como inacessibilidade nos preços, estereótipos relativos à psicoterapia, longas filas onde o serviço é gratuito, etc. Contudo, apesar destes desafios, é válido ressaltar que, de modo geral, o ser humano requer suporte psicológico para enfrentar os entraves diários da realidade da sociedade atual, para que, assim, possam compreender as dimensões do sentir, do sentimento, do emocional, mas nem todas as pessoas nessas condições precisam da psicoterapia (Meira & Castro, 2023). O PP, portanto, “surge como alternativa a essa problemática sendo entendido, ou seja, constitui-se como um pronto atendimento, um espaço de escuta psicológica, acolhimento e intervenção diante de situações de crise” (Lima, Carvalho & Pires, 2020, p.153)



O atendimento de emergência oferece uma escuta é tida como cuidado, cujo objetivo principal é situar o tipo de relação que o homem estabelece consigo mesmo e com o mundo, à diminuição de sua angústia a partir da possibilidade de ser-no-mundo de novas formas, dando novo sentido a sua existência (Oliveira, 2014). Castro (*et al*, 2024) questiona-se quais construções, desconstruções e reconstruções estão sendo experienciados na vida diária dessas pessoas e na relação terapeuta-terapeutizando. De acordo com Benício, Gomes e Castro (2023), “é essencial que tenhamos um olhar voltado para a fase em que o indivíduo se encontra, sendo esta fase bastante significativa que traz inúmeras possibilidades de acordo com a vivência deste indivíduo” (p.264). As fragilidades emocionais, pessoais e relacionais na vida dos adolescentes que procuram o serviço são compreendidos através da escuta e do que é expresso. Para Heidegger (2013), é na presença que o homem constrói seu modo de ser, sua existência.

O PP também se apresenta como uma oportunidade de desmistificar o papel do psicólogo. (Castro, 2023), tendo em vista que este tipo de atendimento proporciona apoio, orientação e esclarecimento de natureza didática além de ser a dimensão no que concerne a auxiliar o reconhecimento de problemas e conflitos ainda não identificados.

As atividades do plantão dão conta da diversidade e singularidade das questões psicológicas a partir de uma escuta sensível e empática, expressividade genuína, verdadeira e comprometida com o outro do plantonista (*Idem*, 2023), sem julgamentos e de forma calorosa, portanto, considerando a relação que aí se estabelece, abre-se o leque de possibilidades inexploradas e que podem ser deflagradas, ou seja, na escuta a abertura à compreensão das dificuldades em situações pontuais, situadas, possibilitando novas significações.

Em face da escassa oferta de dispositivos e serviços que assistam as pessoas que procuram o serviço e compreendendo a necessidade do fazer psicológico dentro do ambiente escolar, Castro (2023) destaca a importância da formulação de políticas públicas e neste viés, o projeto intenta viabilizar o acompanhamento de alunos, professores, pais e comunitários do entorno das instituições escolares onde está sendo desenvolvido.



O funcionamento do Projeto do Plantão Psicológico para atendimento de emergência nas escolas públicas de Manaus

O plantão psicológico é efetivado em salas específicas nas escolas onde os plantonistas são alocados. No início das atividades, os plantonistas direcionam-se as salas de aula das escolas com o objetivo de apresentar a atividade aos docentes e aos alunos e é proporcionado tempo para que quaisquer dúvidas sejam dirimidas (Castro *et al*, 2024). Um dos principais aspectos do atendimento de emergência do PP é que não precisa de agendamento, afinal, o serviço é aberto àquele que está passando por determinada situação que o lança em um redemoinho de sentimentos e emoções (Castro, 2023).

Os plantonistas, após as devidas apresentações, ficam em disponibilidade para receber os alunos que até eles se deslocam por dois trajetos, o primeiro se dá através do encaminhamento dos professores que observam a mudança de comportamento do aluno em sala e o outro pela demanda espontânea reclamada pelo aluno (Castro *et al*, 2024).

Ao receber o aluno, o plantonista insere os dados em ficha específica do projeto e, em seguida, realiza a escuta, a qual pode variar de 30 a 120 minutos. Por fim, o plantonista elabora o relato do atendimento e o discute em sessão de supervisão (Meira & Castro, 2023).

As supervisões ocorrem semanalmente, para tratar de cada caso atendido, dando atenção às demandas individuais e coletivas, podendo surgir deste momento as propostas interventivas, procedimentos cabíveis, ações para os alunos, para os docentes e, até mesmo, para as escolas de modo geral, como as campanhas, rodas de conversas, dentre outras atividades que também são orientadas para fornecer aos plantonistas as bases necessárias para a continuidade do serviço com qualidade e cuidado para com seu público, esse também acaba por torna-se um momento de reflexão e análises *a posteriori*, onde os plantonistas entram em contato com aquilo que *a priori* não fora visto, é a oportunidade de um novo olhar tanto para o que veio do outro, quanto para a própria postura profissional que teve e, assim, aguçar suas percepções profissionais. (Paes & Castro, 2023).

O plantonista, em franca proatividade, escuta e discute o que o adolescente está trazendo, sem se colocar na condição de juiz ou quaisquer questões do gênero



(Castro *et al*, 2024). Fica facultado, a cada adolescente, retornar ao atendimento do plantonista em até cinco momentos. A partir daí, esse aluno é encaminhado para a rede de apoio do projeto, em se observando a necessidade de acompanhamento psicoterápico.

O projeto conta com uma rede de apoio que se constitui por estagiários dos últimos períodos do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), das clínicas-escola de todos os cursos de graduação em Psicologia da cidade de Manaus, rede, a qual, também realiza o acompanhamento psicoterápico de professores, pais e alunos que já realizaram os cinco aconselhamentos previstos.

Castro (2023) informa que o projeto também estabeleceu parcerias com a Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente; Delegacia da Mulher e a Comissão de Apoio e Proteção da Mulher da Ordem dos Advogados do Brasil, seção Manaus, em virtude da pluridimensionalidade de demanda trazida pelos alunos, o que, inclusive, tem possibilitado a denúncia de abuso sexual infantil e violência contra a criança, ao adolescente e a mulher.

Debatendo o en-contro plantonista/aluno

Ao plantonista, é recomendado solicitude no escutar a demanda do aluno, a partir da realidade dele, sem pré-julgamentos, pré-concepções. Isto posto, deseja-se que o plantonista não se coloque na condição de um suposto saber que afasta, e muito, esse outro que não compreende de onde surgem determinadas colocações que discriminam, julgam, interditam esse outro de ser quem ele é, conforme orienta Castro (2023). Portanto, do plantonista é esperado uma atuação num papel que pode-se considerar de transformação e multiplicação social.

Castro (2023) ressalta que, ao utilizar os parâmetros da Fenomenologia em sua relação com o outro, o plantonista deve questionar, inicialmente, seu próprio *modus operandii*, questionar seu olhar sobre o outro e sobre a vida, dessa forma, questionar seu olhar sobre si mesmo.

No encontro com o plantonista, o adolescente consegue refletir sobre a situação em si mesma e encontra as possibilidades de enfrentamento. Para Vendramel, Pocaia & Santos (2016), “o plantão psicológico como forma de atendimento na escola se torna apropriado para lidar com a situação do indivíduo e



reduzir seu estado de sofrimento”. (p.1) Esse adolescente em atendimento de emergência, já está lançado no locus de execrar-se a si mesmo e, conseqüentemente, mantém-se em posição de escassez para consigo mesmo, que representa um lugar de não-possibilidade, de não-ser-si-mesmo (Castro, 2023).

Com encontro no Plantão Psicológico, aos alunos adolescentes, presta-se um atendimento emergencial à demanda trazida pelo outro acompanhando-o na busca pelo sentido de seu existir através da compreensão de seu sofrimento, entretanto, não se prioriza garantir alívio ou uma vida embasada no experienciar de prazer imediato e presente (Castro, 2023).

Conhecendo o principal público-alvo do Projeto Plantão Psicológico

A adolescência é uma fase onde ocorrem mudanças abrangendo vários contextos da vida, é, de fato, uma fase onde muitas pessoas recordam de fatos positivos e negativos. Benício, Gomes e Castro (2023) destacam que a adolescência é um período de bastante turbulência emocional, pois, poderá exigir novas posturas para lidar com conflitos com o meio familiar e social, cuja elaboração demanda tempo para o adolescente.

A adolescência é a fase de uma “moratória social”, conforme se refere Erikson (1968), o qual apresenta a fase como um compasso de espera que a sociedade oferece aos seus membros jovens, enquanto se preparam para exercer seus papéis de adultos. De acordo com Aberastury e Knobel (1988), o adolescente precisa se refugiar internamente para enfrentar o futuro e algumas vezes, a adolescência é aquele momento em que se inicia um isolamento, refletindo e vivenciando a separação dos pais. É nesse período que uma considerável transformação acontece na vida do indivíduo que em um curto prazo e começa a se sentir pressionado a atender todas as expectativas que lhe são exigidas.

Por outro lado, este refúgio possibilitará uma vivência frutífera quando alinhado a um acolhimento que sirva como espaço para criar ferramentas que se torne um ser saudável. Meira e Castro (2023) compreendem que o adolescer como uma fase plena em transições, no entanto:

Não é apenas “transição” – como algumas teorias ainda fazem questão de pregar – mas, é momento de designarmos nosso olhar para além de constructos caducos e que não conseguem mais responder a



pluridimensionalidade do adolescer e isso, tem trazido uma constante “desorganização” no modus operandi de como lidar com adolescentes. (p. 53)

A adolescência é uma fase de contradições, confusa, ambivalente, dolorosa, em que mudanças consideráveis podem ser observadas no dia-a-dia contemporâneo no que tange ao adolescer. Aliás, a palavra adolescência é definida por Outeiral (1994) como sendo "olescer" (crescer), significando o processo de crescimento vivido pelo indivíduo e o termo "adolescer", que se origina da palavra adoecer. Dessa forma, é possível compreender a adolescência como uma propensão ao crescimento físico e psíquico, por um lado e, por outro, uma condição de adoecer – tendo possibilidades de sofrimento emocional - com base nas transformações biológicas e mentais que perpassam essa etapa da vida.

O adolescente não está isento das dificuldades características da vida contemporânea. A cotidianidade tem trazido situações contundentes como o comportamentos autodestrutivos e auto lesivos, agressividade exacerbada, replicação da violência doméstica na escola, indisciplina, bullying e o alto percentual de quadros ansiosos, dentre outros, conforme alerta Castro (*et al*, 2024).

Dadas as mudanças orgânicas, principalmente com aquelas a partir das características sexuais secundárias, o adolescente entra em conflito com o ser-em-quem está se tornando e o ser-que-a-sociedade o chama a vivenciar. A experiencição da sexualidade se torna algo muito conturbado nesse nicho de vivências (Meira & Castro, 2023). Presentificam-se, assim, crises em relação à orientação sexual e à identidade de gênero, e nisso, o conflito consigo mesmo torna-se ainda mais grandioso.

A facticidade que permeia a cotidianidade dos adolescentes

Abate-se na vida do adolescente a facticidade. Este constructo teórico diz respeito às situações que nos ocorrem diariamente, cotidianamente e que são vividas sob o viés da surpresa, do inesperado. São aquelas situações que, literalmente, nos retiram de nosso lugar seguro e acolhedor (Meira & Castro, 2023).

Esses adolescentes se veem retirados próprio caminhar e, muitas vezes, do próprio auto pertencimento ao se perceberem lançados em redemoinhos emocionais, portanto, têm grande significação as situações trazidas nesses momentos do atendimento de emergência. O caminhar do adolescente se torna de



ensimesmamento, impossibilidade de ser quem é (Castro, 2023). Os alunos tornam-se aliados de si mesmos.

Em determinadas circunstâncias, a ação do outro causa dor, sofrimento e mágoa. Segundo Castro (2023), esse outro não respeita o limítrofe entre ele e aquele com quem convive. Alguns adolescente terminam por adentrar pela vivência de comportamentos auto lesivos, outros adolescentes tornam-se inconformados com sua identidade de gênero. “Há aqueles que vivenciam o bullying sob o viés da ação do outro ou da sua ação sobre o outro e, maioria das vezes, ao adentrarmos em suas histórias, encontramos relações familiares disfuncionais” (Castro *et al*, 2024, p.17).

As dificuldades enfrentadas pelos adolescentes

Dentre estas dificuldades enfrentadas no período da adolescência, Castro (2023) elenca problemas oriundos das configurações relacionais, dificuldades na aprendizagem, a prática violenta do bullying, consequências da violência doméstica (agressividade, ensimesmamento, indisciplina, etc), comportamentos autodestrutivos e auto lesivos, questões relacionadas à sexualidade (gravidez na adolescência, abuso sexual, homofobia, transfobia, dentre outros) e a exposição a fatores de risco muito presentes em nossa sociedade atual (tabagismo, uso de drogas lícitas e/ou ilícitas).

Das mais presentes dificuldades, está presente o bullying que causa impacto negativo na autoestima dos alunos, conforme revelam Bandeira e Hutz (2010). O fenômeno é antigo e preocupante, sobretudo em função de seus efeitos nocivos (Lopes,2005; Trevisol & Dresch, 2011), em que pese os estudos sobre o bullying escolar no Brasil sejam recentes.

Adolescente também enfrentam a violência sexual, caracterizada por ser uma experiência que lança esse outro em vivência de dor e sofrimento e tem sido um dos fatores mais presentes na vida das pessoas contemporaneamente. Castro (2024) compreende a violência sexual como “invasão do existir, em que a pessoa em questão, ao ser violada, adentra por caminho tortuoso como se não houvera saída, adentra o desamparo” (p. 21).

Cada vez mais frequente na cotidianidade adolescente, o ato auto lesivo, a autolesão não suicida, é o comportamento repetido pela própria pessoa de infligir lesões que embora superficiais, são dolorosas, à superfície do seu corpo, conforme descrito no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM 5 (APA,



2014). De acordo com Merleau-Ponty (2011), o corpo é o elemento a partir do qual a pessoa se reconhece como é, sendo quem é e como é. Nos momentos da raiva, da dor, os sofrimentos são direcionados ao corpo, como nos casos de autolesão (Castro, 2023), portanto, existem situações que o adolescente não saber lidar com o que acontece cotidianamente e é nesse corpo em que ele lança suas frustrações.

Na facticidade, os adolescentes adentram por um viés cuja atitude é de inautenticidade e passam a categorizar suas trajetórias como “não tem mais razão de ser”; “não há por onde caminhar”; “não vejo saída”; “sou apenas filho e dependo deles”; “não tenho valor algum” e se utiliza da degradação do outro por não compreender a dimensão da alteridade em que o outro foi lançado, e passa a chama-lo de estranho, a nomina-lo com adjetivos que ferem, machucam, queimam como fogo (Benício, Gomes & Castro, 2023).

Os adolescentes alijam-se de si mesmos e experienciam a dimensionalidade do auto desencontro ao se verem lançados em redemoinho emocional que lhes faculta ver a vida a partir do caos (Castro, 2023). Nessa concepção, a questão deixou de ser quem ele é para a expressão quem ele se tornou e “ao perceber que o movimento é o de um ad aeternum tornar-se si mesmo se possibilita refletir enquanto caos que cria, que redimensiona o existir, que permite reconhecer-se como ser possível” (Castro, 2023, p. 17).

Esse outro é para além de quaisquer possibilidades de controle. Esse outro é possibilidade de compreensão. Ser-caos possibilita o mergulho em si mesmo lançando-se no movimento existencial que consiste em tomar para si a responsabilidade por quem se tornou (Castro, 2023).

O trabalho desenvolvido com os adolescentes

Trabalhar com adolescente significa estar diante um sem número de situações com as quais as configurações familiares e relacionais desse sujeito não têm conseguido lidar. (Meira & Castro, 2023).

As transformações físicas e psicológicas inerentes a essa fase do desenvolvimento tem trazido que o adolescer é contínua processualidade e, conseqüentemente, movimento é que nos propusemos a compreender a dinamicidade relacional presente nessa fase da vida. Para Meira & Castro (2023), tudo isso está permeado por cobranças externas que, aliadas à autocobrança gigantesca promovem



insegurança e a vivência do não-pertencimento; por pertencer a uma configuração familiar que não se reconhece a si mesma e, conseqüentemente, aos atores sociais que dela fazem parte; por quantidade de informações grandiosamente trazidas a eles, tendo em vista o bombardeio feérico no qual é o centro.

Em sua obra “A Formação Social da Mente” (“Mind in Society”), Vigotsky (2007) explora a teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano reflete sobre a relação entre a mente, o desenvolvimento humano e o contexto social. Portanto, ao trabalhar com adolescentes, destaca a importância do ambiente social e cultural no desenvolvimento cognitivo desses indivíduos, uma vez que, a mente e o comportamento humano são moldados por fatores sociais, como a linguagem, as interações sociais e as ferramentas culturais. Assim, para compreendermos esta fase do desenvolvimento e toda a dinâmica presente seria importante que nos tornássemos “abertura ao outro”, vivência do ser-com-o-outro preconizado por Martin Heidegger (2015).

Portanto, como nos diz Castro (2020; 2021), nossa contemporaneidade nos conclama a despir o véu da intolerância vivenciada como cuidado para realmente nos aproximarmos desse adolescente e compreender a sua vivência, a sua experiência cotidiana. Segundo Meira & Castro, 2023, o adolescente deve ser acompanhado – não no sentido de controle – orientado acerca das vantagens e desvantagens da rede mundial de computadores e a grandiosidade da velocidade das informações.

Destarte, trabalhar com o adolescente, atualmente, é mergulhar para além das questões há muito impostas pela própria psicologia, interioridade e exterioridade, subjetividade. Conceitos estanques e que merecem um olhar mais aprofundado em nosso tempo (Meira & Castro, 2023). Assim, é premente compreender o adolescente como sujeito ativo, cuja trajetória diferenciada é geradora de sentidos e significações que levam ao desenvolvimento de novas configurações subjetivas individuais (González-Rey, 2003, p. 207).

Contudo, diante da atitude assertiva da plantonista ao acolher, escutar e cuidar (Castro, 2020, 2021) o adolescente compreende que, independente a quaisquer fatores que o ditem como uma pessoa com deficiência

Não mais o jogo infantil, mas o jogo patológico virtual; não mais a rebeldia e a agressividade por elas mesmas, mas as relações construídas e constituídas



por esse adolescente; não mais a gravidez na adolescência, mas as relações abusivas que se tornaram algo muito característico em nossos dias; não mais a brincadeira de boneca, casinha, esconde-esconde, mas a violência sexual contra meninas e meninos que grassa a vida moderna; não mais a literatura “mais forte”, mas a imersão em sites de encontro e de exibição de filmes pornográficos; não mais se vai usar rosa ou azul, mas a compreensão da sexualidade de forma mais ampla em suas nuances orientação sexual e identidade de gênero; não mais o silêncio pelo silêncio, mas a possibilidade de estar sendo colocado em prática comportamentos autodestrutivos e autolesivos; não mais o “adolescente é assim mesmo”, mas como é ser esse adolescente em sendo ele mesmo, com as dimensões relacionadas a autoestima, autoconceito e autoimagem, sua insegurança emocional. Enfim, é caminhar junto, sem lançarmos mão de nossos pré-julgamentos, pré-concepções, pré-conceitos. É ir ao encontro! (Meira & Castro, 2023, p.54)

No trabalho do Plantão Psicológico, o adolescente no encontro com o plantonista, percebe-se na possibilidade ir além do desamparo e da desesperança. Percebe-se aceito como é e em quem se tornou. (Benício, Gomes & Castro, 2023).

A Fenomenologia como abordagem proposta para o Projeto do Plantão Psicológico

O matemático austríaco Edmund Husserl elaborou o método filosófico fenomenológico que é a proposta de uma ciência de rigor, pois, esse autor ressaltou que o mais importante de todo o processo científico é que ciência retornasse ao seu objetivo principal, isto é, ao ser humano, a isso ele chamou de retornar às coisas mesmas (Meira & Castro, 2023).

Dessa forma, Husserl apontou que à ciência e, principalmente a Psicologia, deveriam compreender o mundo vivido, a experiência em si mesma (o *Lebenswelt*), identificando o que surgia nas mais variadas situações, ou seja, o fenômeno a partir do mergulho no existir humano e dentre outros aspectos. (Meira & Castro, 2023)

Discípulo de Husserl, o alemão Martin Heidegger desenvolveu toda a sua teoria sobre o ser humano a partir da busca da compreensão do Ser (Meira & Castro, 2023). Para o autor, ser-no-mundo é estar-lançado no mundo, afinal, não há outra certeza para o ser senão a sua finitude. Logo, para Heidegger (2013), o ser humano se



reconhece e se vê pertencendo a um *locus* sociocultural e histórico quando toma conta de si e de seu caminhar.

O filósofo, em sua proposta, traz alguns conceitos fundamentais, sendo primeiro deles o conceito de ser-no-mundo que considera o ser humano como um ser lançado no mundo, sujeitos às mais variadas contingências cotidianas sem ter escolhido estar no lugar em que está alocado. De acordo com o que diz Castro (2017, 2019), ser-no-mundo é o modo muito próprio de cada ser humano interpretar a si mesmo e a vida. É o que nos caracteriza em ser quem e como somos (Meira & Castro, 2023).

Outro conceito fundamental discutido pelo filósofo é o conceito de Mundo, o qual, para este autor, constitui-se de três aspectos: o circundante, o humano e o próprio. O conceito de mundo circundante diz respeito ao sentido de que o ser está rodeado por uma gama imensa de elementos, dentre eles, as normas, os regulamentos, os regimentos e leis que regem a sociedade, ou seja, os elementos reguladores do caminhar social. O conceito de mundo humano se caracteriza pela relações, o ser-com-o-outro, ou seja, compreende que o ser vive com esse outro que o acompanha diuturnamente, seja em suas configurações familiares ou em outras instâncias atravessadas no caminhar. Portanto, o ser sempre é com esse outro, em quaisquer situações. Já o conceito de mundo próprio condiz a relação que o ser estabelece consigo mesmo, é o olhar que o ser lança sobre si mesmo ao experienciar, em seu cotidiano, as mais variadas situações que se fazem presentes em seu viver (Meira & Castro, 2023).

Portanto, para Heidegger (2013), ser-no-mundo é direcionar-se ao outro ou a um objeto mostrando sua importância em seu transitar diário na vida. O ser é pura afetividade que direciona ao outro ou a algo um olhar pleno de afeto, permitindo-se afetar pelo outro e pelo mundo da mesma proporção em que o afeta. Destarte, o ser vai além do que demonstra, vai além do que o outro pensa de si, o ser é possibilidade, é devir, é poder-ser.

Deste modo, de acordo com Heidegger (2013) o ser-com-o-outro deveria ser trilhado como possibilidade, como perspectiva, pois transitam em um mesmo nicho sociocultural e histórico e possam tomar para si a responsabilidade pelo crescimento do outro, sem tirar desse outro sua capacidade de escolha e sua tomada de decisão.



Noutro grito, quando fala que o corpo enquanto meio de atualização do ser-no-mundo, Heidegger aponta que o corpo não é um objeto entre outros, mas atua ao modo do ser- em, no qual se funda o nosso “ser-junto” ao mundo, “no sentido de empenhar-se no mundo” (Heidegger, 2011, p.92). Para o filósofo, ser-no-mundo é ser de cuidado, aspecto que é fundamental em todo o caminhar do ser-no-mundo. No que tange ao cuidado, cada ser vivencia, experiencia a dimensão de cuidar e isso deve ser levado em consideração para compreendermos a dimensão do vivido pelo outro (Meira & Castro, 2023).

Collier (1996) reconhece como uma ação bem sucedida a contribuição de Merleau-Ponty para a Psicologia Social pós moderna por que observa sua aplicação da fenomenologia ao estudo da conduta social. Para Merleau-Ponty, o mundo vivido é sempre um mundo percebido que está ao mesmo tempo que em acesso ao ser, como também mostrando-se, portanto, o sentido do mundo vivido retoma o sentido de existência, assim por sua vez trazendo a ideia de que o mostrar das coisas e das relações originam possibilidade de compreensão de seu significado (Benício, Gomes & Castro (2023).

Para Merleau-Ponty, o mundo é uma rede de relações interpessoais nas quais emerge o significado, perspectivas se misturam e as percepções são confirmadas mutuamente (Collier, 1996, p.513). Refletindo na filosofia de Merleau-Ponty, assim como os demais objetos culturais, a linguagem é um produto da cultura e demonstram que não vivemos sozinhos, sendo a linguagem um meio pelo qual chegamos a conhecer outrem e mediante o qual construímos um mundo compartilhado de experiências comuns.

Segundo Merleau-Ponty (2011), “a linguagem é tomada de posição do sujeito no mundo de suas significações” (p.262) e o corpo é um conectivo entre natureza e cultura, revelando a função de “colocar-nos em contato com o outro e com o mundo” (Carmo, 2004, p.82). Por conseguinte, a Fenomenologia, ao discutir existencialmente o corpo, auxilia na compreensão de como o corpo atua no mundo, afinal, fenomenologicamente se considera o corpo humano algo a mais do que é descrito fisicamente, nesse sentido, portanto, a carnalidade se desvencilha a noção de corporeidade (Benício, Gomes & Castro, 2023).



A filosofia de Merleau-Ponty fundamenta-se no modo pelo qual o ser de forma sensível efetiva-se no mundo (Benício, Gomes & Castro, 2023), fazendo com seja refutadas as explicações reducionistas, uma vez que traz o movimento da corporeidade como bastante significativo para a compressão da experiência do ser no mundo. Isto é, o corpo é mais do que um instrumento de ação no mundo, “ele é nossa expressão no mundo, a figura visível de nossas intenções” (Merleau-Ponty, 2000, p.39). De modo que, principalmente, os laços afetivos mais íntimos influenciam, em alguma medida, a percepção do mundo e de si mesmo.

Conforme descreve Falabretti (2008), é esse corpo fenomenal que possibilita a experiência imediata e “integra num só campo o interior e o exterior, a alma e o corpo e, também, o eu, o outro e as coisas” (p. 6). A experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em ideia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade (Merleau Ponty, 2011, p. 269).

É, portanto, a referência ao acontecimento corpóreo, na devida consideração de que “tornando-se passado o acontecimento não deixa de ser” (Merleau-Ponty, 2011, p. 563). Evidenciando que é o momento que o corpo fenomenal está sendo considerado. O ser se engaja com seu corpo entre as coisas, elas coexistem consigo enquanto sujeito encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos (Merleau-Ponty, 2011, p. 252).

A clínica dos Três Olhares: perspectivas de intervenção de inspiração Fenomenológica-Existencial

As facticidades levam as pessoas a pensar o cotidiano, a pensar a vida sob o viés da situação que se irrompem. O viver se torna linear, pois, é experienciado pelas pessoas sob foco da dor ou sofrimento que se abateu sobre elas, o que Castro (*et al*, 2024) nominou como Princípio da Linearidade Existencial, ou seja, a pessoa segue em saber para onde, por onde e por quê, isto é, a pessoa não percebe as possibilidades de sair do intrincado em que está lançada e não percebe caminho a ser seguido.

Nesse momento, ao ser lançada em um turbilhão emocional com o qual não sabe lidar, não consegue lidar, a pessoa se desapropria de si mesma não se reconhece como quem propriamente é, então, três aspectos existenciais passam a



ficar altamente comprometidos: a autoestima, o auto conceito e a autoimagem. A afetividade da pessoa em relação a si mesma, torna-se reversa, pois a desvalia toma de assalto seu olhar e tornam-se profusas a autoestima, o auto conceito e a autoimagem (Benício, Gomes & Castro (2023). O olhar da pessoa sobre si mesma passa a ser vivenciado sob a perspectiva da distorção, pois torna-se apenas a sua dor, o seu sofrimento, a sua culpabilização ou a sua vitimização. A pessoa não consegue se perceber pertencendo e sendo quem ela mesmo é (Castro *et al*, 2024).

O segundo olhar é o olhar que a pessoa lança sobre esse outro que continuamente acompanha sua vida sob a faces das configurações relacionais às quais ela diz pertencer. Também se torna distorcido olhar que a pessoa lança sobre o outro, dada a distorção em que a pessoa se encontra. E, como consequência, embates relacionais se tornam efetivos, presentes nas relações. Castro (*et al*, 2024) destaca que pelo motivo da pessoa não saber lidar consigo mesma, torna o outro um adversário responsável pelo que ela se tornou ou pelo que lhe ocorreu. Portanto, a pessoa se isola, afasta-se desse outro que, geralmente, sequer tem a mínima noção do porquê a pessoa o olha dessa forma. O olhar do outro, o segundo dentre os três olhares, para Castro (2023), pode resultar em situações em que a dor, o pesar por ser quem se é, faculta o ensimesmamento, a mágoa, o não reconhecimento de si mesmo. É um olhar que torna o ser humano sem perspectiva, inseguro sem se perceber no próprio caminhar, já que está lançado sob o viés da desvalia.

O terceiro olhar é compreendido como o olhar que a pessoa lança sobre o olhar do outro, isto é, situações vão ocorrendo nas vidas das pessoas em que elas atribuem ao outro um tipo de responsabilidade que não lhes compete, qual seja, a responsabilidade de conduzi-las em seu cotidiano relacional. Logo, a pessoa age no sentido de agradar esse outro e se esquece de si mesma, ou seja, a pessoa age em conformidade com o que ela acredita que o outro quer dela. Dessa forma a pessoa se julga na condição de colocar o outro como sua referência, a pessoa esquece-se de si mesma, abre mão de ser quem é para corresponder ao que considerar o outro quer, e de modo quase violento, desapropria-se de si mesma e se predispõe e autoriza o outro a ser abusivo consigo mesma. Assim, a pessoa experiencia a maior de todas as violências relacionais, a chamada relação abusiva (Castro *et al*, 2024).



Cabe, então, ao plantonista, identificar cada um desses olhares que o adolescente lança sobre si próprio e de que maneira experiencia suas configurações relacionais cotidianas (Castro *et al*, 2024). O pressuposto da Psicologia Fenomenológico-Existencial será o olhar sobre o fenômeno humano, o olhar sobre o outro em busca da humanidade do ser humano. Logo, será um olhar destituído de assujeitamentos e enviesamentos teóricos que o mantém em caixinhas discriminadoras, julgadoras e, muitas vezes, preconceituosa (Castro, 2023), afinal, será na possibilidade de compreender para além de teorias que o ato de acolher e cuidar mostra a amplitude do escutar.

Isto posto, a Clínica dos Três Olhares, segundo Castro (2020; 2021) preconiza a forma premente do plantonista se trazer por inteiro para a relação com o outro. Isto significa que o plantonista deve se deixar surpreender por essas pessoas que buscam pelo profissional da Psicologia

Pois é a partir do momento em que me lanço em disponibilidade para com elas, experiencio a abertura em relação a outrem e, assim, consigo compreender que não estou ali na condição de dar respostas ao sofrimento trazido e sim me colocar em um lócus de escuta que acolhe e cuida, me percebendo na condição de aprendiz do meu fazer. Faz-se, desse modo, o encontro necessário ao desenvolvimento da atividade (Castro, 2023, p.15).

Castro (2020, 2021) compreende que o cotidiano é pleno em construção, desconstrução, reconstrução, portanto, cabe ao plantonista direcionar ao outro o olhar aquele pautado na compreensão de que essa pessoa é possibilidade apesar das impossibilidades. Mesmo que o adolescente veja e escute apenas o que é desconstrução, o que é erro, o que é equívoco, pois o adolescente “não necessita de controle mas de mergulhar em seu próprio sistema caótico e compreender que ele é o próprio caos, ele é movimento, ele é possibilidade, ele é devir” (Castro, 2023. p.16)

Todo esse movimento resulta no auto acolhimento, auto escuta e autocuidado necessários a tornar-se cada vez mais quem ele é. O plantonista deverá, a partir do plantão psicológico, “deixar-se afetar pelo outro”, pois, a partir desse afeto que “conseguirá caminhar genuinamente com o que o procura e naquele momento não está sabendo por onde conduzir as situações pelas quais está passando” (Meira & Castro, 2023)



A perspectiva deste modelo de acompanhamento psicológico dos Três Olhares na Clínica, seja aconselhamento ou psicoterapia, de acordo com Castro *et al*, (2021), tem seu fundamento teórico nos parâmetros da Psicologia Fenomenológico-Existencial, ou seja, na Fenomenologia – Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Edith Stein – e no Existencialismo – Sartre, Beauvoir.

A cada um daqueles envolvidos, a perspectiva dos Três Olhares pressupõe que as pessoas consigam ir além da problemática em si mesma a partir do mergulho existencial com esse outro (Castro *et al*, 2024), isto é, que a pessoa possa compreender a dimensão que é ser si mesma diante de suas adversidades a partir do olhar que lança sobre si mesma, mas não no sentido de lançar justificativas a sua ação.

Dessa forma, conforme apontou Castro (2020, 2021), cabe ao plantonista colocar em prática, a partir desta perspectiva da Clínica dos Três Olhares, o fundamento tripartite que ela preconiza na relação plantonista-adolescente, psicoterapeuta, a saber: acolher, escutar e cuidar.

O acolher no sentido de receber este outro para além do problema que originou a crise em que se encontra ou da possibilidade diagnóstica. O escutar com a proatividade e ir em busca pelo fenômeno que se manifesta na fala desse outro e ir além da mera exposição que esse outro traz da situação. O cuidar no sentido de buscar sobre o que está sendo trazido através do diálogo e mostrar-se continente, presente junto a esse outro para amparar o desamparo, a angústia, o estresse, a ansiedade e ir além da dor e do sofrimento expressos na fala.

O acolhimento é o que Castro (*et al*, 2024) nomina de mergulho existencial necessário à compreensão do dito e do que subjaz nas entrelinhas do que está sendo dito e do não-dito. O acolhimento é a abertura ao outro tão preconizada pelos teóricos da Fenomenologia e do Existencialismo. Nesta perspectiva clínica, acolher não significa somente o abraço de boas-vindas, entregar a mão para ser saudada ou o sorriso que se dá no momento em que o outro adentra o espaço terapêutico, mas diz respeito a que se possa compreender e acolher a história que é trazida, é a “atentividade” para além da atenção propriamente dita, ou seja, é a presentificar-se.

Portanto, acolher é literalmente estar em disponibilidade para com esse outro que chega com uma demanda específica e que, maioria das vezes, o tem levado a



comportar-se de modo diferente, ou seja, interfere grandemente em suas configurações relacionais, da família à escola (Meira & Castro, 2023). Acolher é tornar-se presente de tal modo que o adolescente consiga se pensar para além da situação de desamparo em que está alocado e Compreender à sua frente está uma pessoa continente, em disponibilidade para com ele e que não colocará em prática a emissão de juízo de valor ou quaisquer outros fatores nesta perspectiva.

A escuta é o mergulho propriamente dito no que está sendo trazido e se dá a partir do envolvimento existencial com o adolescente sem lançar mão de nossos próprios julgamentos ou concepções. É a instância em que ambos experienciam o encontro e o momento em que o vivido se mostra vivência e se recebe os detalhes e nuances de uma mesma história, a qual é passada é atualizada em toda a sua dimensionalidade.

O escutar é buscar ter o respeito pelo que está sendo relatado, pela historicidade que se efetiva ali, à sua frente e buscar o sentido do que estará sendo expresso na fala desse outro na possibilidade de compreensão do que está sendo trazido Isso significa dizer que devemos considerar esse outro em sua trajetória singular a partir de seu contexto social, cultural e histórico no qual está imerso. Ao vivenciar a abertura, o plantonista também experiencia a escuta, conforme destaca Castro *et al* (2021) e a relação torna-se plena em afeto, em afetividade, onde o plantonista é um ser por inteiro, um ser-no-mundo-com-o-outro sendo efetivado.

Portanto, escutar é, segundo Castro (2023), estar em abertura no sentido de estabelecer com esse adolescente o encontro e posicionar-se, estabelecer relação que priorize ir além, priorize estar junto com o aluno, compreender a fala do discurso, ou seja, ir além do que está posto, pronto, acabado, conseqüentemente, o escutar evidencia-se no respeito pela integralidade e possibilitar, com isso, no diálogo proposto, que se mergulhe em sua vivência, que se perceba em sua implicação, em sua própria vida e reflita sobre os fatores protetivos e de risco presentes em seu mundo relacional, enquanto encontra ou mesmo elabora suas estratégias de enfrentamento (Meira & Castro, 2023).

O acolhimento e a escuta são realizados no nicho do cuidado. Castro (2021) revela que cuidar vai além do zelo e do desvelo, isto é, não é apenas o cuidar que zela ou vela. Um cuidado que vai além do velar e do zelar. É mais abrangente, tendo



em vista que, é direcionar-me para esse outro, independentemente a quaisquer fatores (Castro, 2021, 2023). É um permanecer junto a, experienciando o ser-com em sua magnitude. O cuidar que se consolida na compreensão do que está sendo dito, ou seja, é um momento em que vou além da mera interpretação (quase causalística de algumas teorias). Ser-no-mundo é ser de cuidado. Entretanto, o cuidar é uma via de mão dupla.

No mergulho que o terapeuta se lança junto com esse outro, em que juízo de valor, pré-conceitos e pré-concepções de sua parte são elementos à parte, a abertura se consolida na escuta e, esta última, no cuidado (Castro *et al*, 2024). O cuidar é efetivado em toda a processualidade que constitui a relação de aconselhamento. É auto desvelar-se. Despojar-se – lembremos que no sentido de não permitir um viés diferente na configuração relacional ali vivenciada – de suas concepções, julgamentos, conceitos pessoais que distorceriam o movimento de compreensão do vivido é o móvel dessa questão, a *epoché* nominada por Husserl (Castro, 2023).

O cuidado vem no sentido de nos responsabilizarmos, também, conjuntamente, pela processualidade da experiência em que esse outro possa ser considerado, de nossa parte, como capaz de se lançar além do problema trazido até nós, como “autor do próprio caminhar” dessa forma, tomar para si a responsabilidade por sua trajetória de vida. (Meira & Castro, 2023).

METODOLOGIA

Após roda de conversa promovida com os discentes do terceiro período, participantes da disciplina de Estágio Básico do Curso de Psicologia, foi atribuída a caracterização psicológica em cada uma de suas falas que geraram Unidades de Significado e, posteriormente, deram origem às categorias de análise, com base no olhar da fenomenologia-existencial em Heidegger e Merleau-Ponty, e, considerando a proposta de Giorgi & Souza (2010) e Pereira & Castro (2019).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha pela observação da prática profissional do Psicólogo no ambiente escolar

Os discentes da disciplina de Estágio Básico (cursada no terceiro período do Curso de Psicologia de uma Faculdade particular na cidade de Manaus) diante do objetivo da disciplina que era observar e relatar a atuação de uma Psicóloga ou um



Psicólogo, optaram pelo âmbito da Psicologia Escolar como âmbito em que observariam a atuação profissional. Este grupo específico de alunos optou por observar a atuação do Psicólogo dentro do ambiente escolar, devido a acessibilidade e por se apresentar como um ambiente familiar aos discentes, onde eles próprios já tinham vivenciado experiências anteriores, como alunos do ensino médio ou mesmo como experiência de intervenção em atividades de extensão nos períodos anteriores do mesmo curso de Psicologia.

Além disso, os discentes compreendem as escolas públicas, quer seja de ensino fundamental, quer seja do ensino médio, com locais carentes da atuação do profissional Psicólogo, uma vez que o poder público parece não desenvolver políticas públicas voltadas a levar esse profissional da saúde mental para dentro do ambiente escolar, mesmo sendo premente a necessidade que crianças e adolescentes apresentam para serem atendidas por esses profissionais e se beneficiarem do acompanhamento para suas questões emocionais.

Ademais, os discentes pensaram pelo lado humano, tendo em vista que os adolescentes, muitos deles moradores de zonas de vulnerabilidade social, necessitam e buscam atendimentos para suas questões emocionais, já que atravessam uma fase de formação de suas identidades e que terminam sendo marcados pelas práticas violentas do bullying, da experimentação das drogas, da vitimização da violência sexual, do sofrimento da autolesão e da ansiedade.

Por parte dos discentes, ao optar por esse âmbito de observação da atuação profissional, havia o conhecimento da necessidade de que os alunos possuem de aconselhamentos e ajuda profissional, da necessidade de receberem aconselhamento que os encorajem a buscar o que não podem fazer sozinhos, logo, trata-se de um âmbito marcado por uma carência significativa da presença do psicólogo.

A apresentação do Projeto Plantão Psicológico por parte do profissional.

Na busca pela observação do profissional atuando no âmbito escolar, os discentes da disciplina do estágio básico tomaram conhecimento que desde o ano de 2022 estava em andamento na cidade de Manaus o projeto do Plantão Psicológico (PP), idealizado, implantado e coordenado pelo prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de



Castro, Psicólogo que na data de 01/03/2024, apresentou o projeto para os discentes na unidade de ensino superior.

Em diálogo com os discentes participantes da disciplina, estes relataram suas percepções acerca da explanação do profissional que estava apresentando o projeto e ressaltaram a satisfação em poder escutar os apontamentos de um profissional experiente, com currículo profissional tão qualificado e, ao mesmo tempo, em que conseguia se expressar com paixão pela atuação profissional que exerce, assim como, interessaram-se com seus relatos de experiência de atendimento profissional, a forma como o profissional conseguia reter a atenção dos discentes, com persuasão, a voz impostada com notória presença, a confiabilidade e a segurança passada na apresentação do projeto que indicavam o quanto o coordenador do projeto havia planejado e se preparado para a execução da proposta apresentada.

Logo no primeiro contato com a apresentação do projeto, os discentes relataram que perceberam a forma como trabalho estava estruturado e o que significaria aquela nova experiência de lidar com os adolescentes, muito em razão do conhecimento do profissional, que, além de saber exatamente o que estava fazendo, repassava a nítida sensação de que havia vivenciado todas as etapas da implementação do projeto, concernindo a segurança necessária para que os discente abraçassem o observação da atuação profissional no referido projeto.

Assim como foi bastante destacado pelos discentes, as histórias de atendimento relatadas pelo idealizador eram por demais significativas, inspiradoras, de fato, representava aquele mergulho existencial, a que Castro (2023) havia se referido, na existencialidade daqueles adolescentes em sofrimento e, nos discentes, reacendia o desejo por também se fazer presentificado no existir do outro, daquele que anseia por sua pre-sença, por sua acolhida, por sua escuta e por seu cuidado. Portanto, o PP foi apresentado por Castro (2024) como uma possibilidade de aprendizagem em via de mão dupla, ali no encontro, plantonista e adolescente (aluno) abria-se a possibilidade de conhecerem-se mutuamente assim conhecer a si próprios.

Ademais, vislumbrar a oportunidade de conhecer a abordagem fenomenológica como um método rigoroso de buscar a essência do ser e que parece funcionar e fazer amplo sentido para o ec-xistir do adolescente, porque é uma abordagem que se permite e permite ao outro que se desvele em sua essência, uma abordagem que visa



a compreensão, sem pré-julgamentos ou pré-conceitos e que propõe ao plantonista estar em disposição para acolher, escutar e cuidar, muitos mais que algumas teorias que indicam protocolos que servem para afastar e tratar com frieza a dor do outro, tanto que tornou-se comum, nos relatos de atendimentos, as emoções aflorarem por ter compreendido o outro em sua essência.

A atuação do profissional fora de um ambiente institucionalizado da Psicologia, ou seja, fora da clínica, do hospital ou de uma organização que seja, não chegou a ser uma surpresa para os discentes porque estes relatam já compreender o fazer Psicologia como esse movimento que visa superar as paredes institucionais e vai em busca do outro onde quer que ele esteja, no caso, os adolescentes em seu ambiente escolar. Esse movimento resulta em aproximação da Psicologia para um público que dificilmente teria acesso aos meios ditos tradicionais de atendimento psicoterapêutico, um atendimento fechado em consultórios que segregam o atendimento de saúde mental.

Pelas especificidades apresentadas no projeto e pela características humanísticas intrínsecas à proposta, acendeu o desejo dos discentes em integrarem o corpo daquele método de intervenção nas escolas junto aos adolescentes, afinal, oportunizar ao discente a chance de se aproximar do outro em sua grandeza, olho no olho, e assim olhar a si mesmo, é fazer parte de um resgate da identidade daqueles que em meios as suas facticidades de afastou do que seria sua própria essência.

Além de tudo isso, conviver com o profissional experiente e notavelmente apaixonado pelo tipo de intervenção que pratica no fazer psicologia, ultrapassando os muros institucionais, é percebido como um ponto motivador para os discentes que almejam tornarem-se tão excelentes quanto aquele profissional que observam, em que pese, frequentemente conviverem com outros colegas discentes que parecem não se engajarem ao espírito do curso. Estes discentes intentaram abraçar essa profissão como a perspectiva de pode auxiliar o outro, de ser fazer disponibilidade para com esse outro, compreendendo melhor o que esse outro percebe de ser como é. Portanto, forja-se um profissional que vai além daquele que almeja conhecer a mente humana, um profissional que se encontra com a própria alma humana, sem ferir o outro, em impor suas “técnicas” e seu suposto saber, saber o que é melhor para



o outro, mas descobrir, ali junto, na temporalidade do momento presente, as possibilidades que se manifestam no encontro que se faz abertura para a existência.

Os discentes não se cansam em apontar que a escassez da presença de psicólogo no âmbito do ensino público é marcante na nossa realidade, um desfalque que permite que as crianças e adolescentes estejam vulneráveis diante do cotidiano sem algumas possibilidades de refletir acerca do seu próprio sentido, do seu próprio ec-xistir. Portanto, os discentes reafirmam a importância de promover a saúde mental para os adolescentes, como se fosse uma necessidade básica, que de fato é, afinal não basta somente escolas com boa infraestrutura, bons professores, um plano pedagógico condizente com a realidade, mas certamente, a possibilidade de promover saúde mental para esse público.

Atividade de Capacitação e Grupo de estudo para os discentes

Muito semelhante ao primeiro momento, no entanto, abordado de forma mais profunda, a atividade de capacitação promovida por Castro (2024) destacou os principais aspectos da Psicologia Fenomenológica-Existencial, focando principalmente nos aspectos práticos da vinculação da Psicologia com a Fenomenologia, dos quais decorrem a maneira, a forma, a concepção de atendimento. Logo, a atividade de capacitação, converteu-se num momento de preparação e encorajamento dos discentes aptos a ingressarem a proposta do projeto, principalmente aqueles discentes de períodos superiores do curso. Aos discentes da disciplina de estágio básicos restritos a atividade de observação da atuação profissional, restou a compreensão do que poderia ser possível naquele ambiente de atendimento, as possibilidades, limitações e aspectos éticos pertinentes a sessão de emergência, principalmente no que tange a impossibilidade de medir a dor do outro, mas, dentro das possibilidades, buscar uma forma de empatia.

A sequência da capacitação foi acompanhada pela formação de um grupo de estudos de inspiração fenomenológica coordenada pelo Prof. Me. Mauro Batista Negreiros, atividade a qual, de acordo com os discentes, ajudou, esclareceu e fez com que se sentissem mais próximos da abordagem que iriam observar em atuação nos atendimentos de emergência, afinal, nas primeiras aproximações do assunto, os discentes não estavam familiarizados com o método, mas à medida que os estudos avançaram, e a partir da dinâmica que o grupo tomou, foi possível compreender



melhor a proposta da abordagem e conseguir fazer uma observação mais detalhada dos atendimentos baseada na clínica dos três olhares.

De maneira dinâmica, os discentes disseram conseguir visualizar, no decorrer do grupo de estudo, como seria o atendimento aos adolescentes nas escolas, um encontro com outro, aquele desconhecido, ali, no grupo de estudo, os discentes iniciaram sua começou a entender como funcionava, bem como, sentiram-se aptos a propagar as informações da formação para os demais colegas que não puderam se fazer presentes em algumas das reuniões.

Por conseguinte, passado o momento inicial de choque em face da descoberta que a teoria lhes proporcionava e com a qual tiveram que lidar, afinal, alguns dos discentes relataram nunca terem ouvido falar a filosofia fenomenológica, mas nem por isso abandonaram seu ímpeto curioso de conhecer a abordagem, por isso, o grupo de estudo serviu para os aproximar da proposta e os discentes se sentiram bastante acolhidos e auxiliados pelas discussões e explanações que a o grupo de estudo oportunizou.

As observações dos atendimentos dos plantonistas em ambiente escolar e as supervisões de atendimento

A próxima etapa da disciplina de estágio básico, seguindo a proposta de observar a prática profissional e seguindo a intervenção proposta pelo projeto do Plantão psicológico, foi efetivamente observar a atuação dos plantonistas em atendimentos de emergência nas escolas públicas vinculadas. A partir de então, os discentes vivenciaram a expectativa de observar na prática o atendimento do plantão psicológico e de maneira formal, relataram que em termos práticos, foram muito bem acolhidos pelas direções das escolas em que o projeto está em funcionamento. De fato, o projeto transcorre no ambiente escolar de forma muito próximo ao que está previsto no seu planejamento, ou seja, o plantonista e o discente eram encaminhados para salas com estrutura adequada para atendimentos, discretas, e lá aguardavam o encaminhamento e a presença de alunos adolescentes que, por indicação ou demanda própria, apresentavam-se para o atendimento.

Após preencher o formulário de atendimento, o encontro se iniciava e era possibilitado ao adolescente que desvelasse tudo aquilo que lhe fosse pertinente, permanecendo do plantonista e o discente em estado de acolhimento, procedendo a



escuta e promovendo o cuidado do outro que se lançava ali, diante deles, em toda a sua existencialidade.

A duração do atendimento dependia do momento em que o adolescente dispunha para relatar suas queixas e dúvidas, não se limitando a um tempo pré-determinado e respeitando a temporalidade daquele outro que se fazia ali presente. Após o atendimento, o plantonista conversava com os discentes acerca de alguns aspectos da intervenção e elaborava um relatório e o encaminhava ao seu supervisor, geralmente uma Psicóloga ou um Psicólogo experiente que discutia os aspectos do atendimento com os plantonistas.

Conforme previsto no projeto e como de fato ocorria na prática, as supervisões aconteceram de forma *on line*, as quais os discentes também puderam observar as discussões dos plantonistas com seus devidos supervisores e os apontamentos realizados em face do atendimento ocorridos, também se configurou como uma rica experiência para os discentes, que também puderam observar a prática de supervisão de um profissional com seus apontamentos técnicos, teóricos e éticos.

Portanto, a supervisão apresentou-se como um momento de orientação, a fim de nortear os plantonistas e os discentes numa perspectiva ética para lidar com o outro, definir em comum acordo o direcionamento que os atendimentos poderiam adotar, nas próximas sessões que decorressem os mesmos adolescentes. Ademais, os momentos de supervisão serviram como guia e prestou orientações até mesmo para os relatos que iriam no mesmo sentido das escutas, e, o fato de ser *on line*, proporcionava maior comodidade para os plantonistas e discentes que poupavam tempo, recursos e energia para participar da atividade.

As percepções do Projeto de Plantão Psicológico sob a ótica dos discentes da disciplina de estágio Básico

No que tange o projeto em si, os discentes o consideram um projeto importantíssimo que tem dado certo e que pode se expandir cada vez mais, por estar cumprindo um compromisso social com uma parcela da comunidade que, de outra maneira, não teria acesso ao mesmo tipo de serviço de promoção de saúde mental.

Além disso, o PP é importante pela ausência de psicologia nas escolas públicas e a quantidade de alunos adolescente que manifestaram seus desejos de serem atendidos, os quais constantemente são vítimas de bullying e o PP surge como uma



oportunidade de ajudar, assim como é notável que outros adolescentes não procuram ajuda, mesmos sendo indicados pela gestão da escola e seus professores.

O PP cobre uma necessidade básica dos adolescentes que necessitam do apoio emocional nesse momento de vida tão conturbado, e ajuda a dar uma luz, afinal seis desses alunos o promissor futuro daquela comunidade e abraçam a missão de fazê-la cada vez mais cidadã. Os discentes também se projetaram naqueles adolescentes, porque se trata de um momento, de um ambiente de questões pessoais que os próprios discentes já enfrentaram um dia no ensino médio, e reconhecem os desafios que os alunos enfrentam, muitos sem recursos adequados, uma moradia com condições mínimas, e por isso desde muito cedo, sentem a pressão por definir quais rumos e carreiras irão seguir em suas vidas e facilmente se frustram com a escassez de oportunidade que a cotidianidade lhes proporciona e isso pode implicar na baixa autoestima que eles alunos se percebem, podendo se torna ansioso, e a travessar uma vida sem sentido e o PP pode melhorar a vida desse adolescente, e conseqüentemente, a vida de seus familiares.

Os discentes também apontaram que deve haver um esforço e interesse dos alunos para com projeto de atendimento dos alunos, os quais, em algumas ocasiões, podem se apresentar de forma retraída e sentirem vergonha e se disponibilizar para o atendimento. Também se faz um obstáculo a carga horária maçante que os alunos enfrentam ao terem que cumprir um currículo escolar estrangulado de disciplinas, algumas delas, inclusive compreendidas pelos próprios alunos como disciplinas desconectadas da realidade que os jovens enfrentarão na comunidade. Portanto, os discentes entendem que deveria haver mais tempo para planejamento e o adolescente poder discutir suas questões emocionais, assim, a escola estaria atuando de forma preventiva.

Pela percepção dos discentes, o PP precisa ser implantado em todas as escolas, e questão de estrutura, ainda falta muito mão-de-obra, a rede crescer mais, mais profissionais formados participando do projeto, queria ter visto na observação um psicólogo acompanhando.

Para os discentes, foi gratificante a oportunidade de observar a atuação do profissional que, desde o relato de sua própria história de vida e de superação, levou a Psicologia além das suas fronteiras de tradicionalismo, com uma ideia que



aproximou o fazer psicologia de um público carente desse tipo de serviço. O profissional tornou-se uma fonte inspiradora para aquelas que almejam se tornar um profissional tão apaixonado pela profissão quanto ele e que transforma tanto amor pela profissão numa missão eficaz.

Dessa forma, o profissional observado sai de uma bolha de comodidade de atuação profissional e se lança na possibilidade de encontrar com o outro, no lugar próprio onde o outro pode se encontrar e nesse encontro surge o sentido existencial que marcaram para sempre a historicidade de ambos.

Foi possível perceber que anos de dedicação à prática profissional da psicologia conferiu um respaldo para a capacitação e a supervisão de maneira ímpar, e alimentou nos próprios discente a vontade e de o desejo de também fazerem parte dessa história.

As percepções dos docentes acerca da própria disciplina de Estágio Básico

Por fim, os discentes comentaram cerca da própria vivência da disciplina do estágio e neste viés, surpreenderam-se com a proposta inicial da disciplina, já que, inicialmente, acreditaram se tratar apenas de aulas tradicionais e não o deslocamento para m observar o profissional em sua atuação in loco.

Os Discentes, entretanto, não esconderam suas dificuldades iniciais para se adaptarem aos objetivos da disciplina, principalmente naquilo que tange a confecção do relatório, dada suas poucas experiências para elaborar esse tipo de documentos, mas com orientações e incentivos de seus professores, foram paulatinamente se apropriando da capacidade de executar a atividade, mesmo diante de uma atividade tão desafiadora como se mostrou o estágio básico.

Então, os discentes concluíram que mais cedo ou mais tarde seria uma experiência que deveriam enfrentar antes de partirem para suas próprias trajetórias profissionais. E redundou numa prática repleta de aprendizados, cujas reflexões reverberarão por muito tempo para balizar suas condutas profissionais.

Destarte, compreenderam a disciplina de estágio básico como essa possibilidade de avançar nos seus conhecimentos acerca da prática de psicologia, certamente se apresentará como uma preparação para os períodos vindouros, com novos desafios a serem enfrentados, porem, com bem mais experiência e esperanças



renovadas, já que no estágio já conseguiram projetar suas futuras atuações profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em cumprimento a carga horária da disciplina de Estágio básico, os discentes do terceiro período de Psicologia concluíram que foi de um aprendizado incomensurável a experiência de observar a atuação de um Psicólogo em sua área de atuação, muito em razão dos aspectos que valem a pena serem lembrados.

O primeiro deles foi a feliz escolha do ambiente escolar como lócus dessa observação da atuação profissional, tendo em vista que os discentes compreenderem, antes de tudo, a escola como sendo esse ambiente pluridimensional em que estão reverberadas as relações intra e extrafamiliares e presentes os consequentes conflitos envolvendo aluno/aluno, aluno/professor, escola/comunidade. No mesmo sentido, os discentes compreenderam que fazer psicologia é ir além do intramuros institucional, é um fazer primordial por dois aspectos principais. Primeiro, por cumprir o compromisso social da instituição de ensino superior para com a comunidade que lhe abriga, e no segundo aspecto, levar o atendimento psicológico necessário a um público (crianças e adolescentes) que, noutra ocasião, não teriam o devido acesso ao serviço, mas teriam que enfrentar as já exauridas filas do sistema único de saúde ou investir vultoso montante num atendimento particular para ter acesso ao mesmo tipo de serviço em saúde mental. De acordo com que apontam Meira e Castro (2023), no Plantão Psicológico, realizar a escuta com adolescente na escola é adentrar em um nicho caracterizado como um turbilhão emocional e deixar para trás um lugar confortável, no caso, as paredes da instituição de ensino superior tão familiar aos discentes, afinal, é na escuta que ocorre a prática do ser-com-o-outro em sua dor, em sua forma muito própria de conceber a vida, o mundo, a si mesmo e ao outro com o qual transita cotidianamente (Benício, Gomes & Castro, 2023).

O segundo aspecto a ser destacado corresponde o observação da prática profissional dos profissionais envolvidos nos projetos, em especial, o coordenador do Projeto de Plantão Psicológico, que, desde o primeiro momento da apresentação da proposta, demonstrou sua enorme experiência, conhecimento e, acima de tudo, paixão pelo assunto, mas, para além de sua capacidade técnica, acadêmica e de qualificação, está sua sensibilidade humana a conferir uma lucidez ímpar para lidar



com uma questão tão delicada e necessária que é o atendimento ao sofrimento de adolescentes, ali no lugar mesmo onde eles se encontram. Para Castro (2023) é a partir da verbalização do seu sofrimento que o Plantão Psicológico possibilita ao adolescente que mergulhe com o plantonista em sua historicidade, estando o plantonista presente, continente junto ao adolescente que os procura. Estes adolescentes, percebem as facticidades, no entanto, não conseguem compreender as possibilidades para além do sofrimento e tal ato causa dor em demasia. As demandas trazidas, portanto, são vivenciadas como caos, onde a sensação é de que nada há mais a fazer, o sofrimento se instaura. (Meira & Castro, 2023).

O terceiro aspectos, e tão importante quando os demais, refere-se ao aproximação e ao aprendizado que os discentes tiveram acerca da proposta da clínica dos três olhares de inspiração na Psicologia Fenomenológica-Existencial, uma vez que trabalhar o Projeto de Plantão Psicológico com enfoque na Fenomenologia possibilita esse mergulho necessário junto a cada um desses adolescente e, ao se colocar em disponibilidade para acolher, escutar e cuidar, receber deles a confiança, o afeto, a gratidão que é manifesta no sorriso ao final de cada aconselhamento, mesmo diante da dor expressa.

Em quarto lugar, destacamos as experiências dos discentes observarem os atendimentos de emergência em si, estando ali próximos aos profissionais, e acima de tudo, estando próximos dos alunos e porque não dizer, próximos a si mesmo, compreendendo-se enquanto ser-si-mesmo no lidar com o outro, ser-com-outro. Estar com o outro, frente a frente, lado a lado, é permitir-se, é saltar com ele no abismo de dor e de sofrimento, acompanhando-o, compreendendo conjuntamente com ele sentidos e significados que se fizeram presentes e se fazem presentes em suas vivências, possibilitando que ele caminhe, e tenha experiências novas, culminando no resgate que se efetivará para ele e com ele mesmo. Como revela Castro (2017) “somos ser-com-outro. Esse é o maior fundamento do existir humano”. Benício, Gomes & Castro (2023)

Fica, com o todo o aprendizado e de tudo aquilo que os discente se apropriaram, a certeza que toda teoria somente tem sua pluridimensionalidade observada ao ser transformada na prática para além de constructos estanques. (Meira & Castro, 2023) É uma escuta que se caracteriza, segundo Castro (2021), por nos



colocarmos em disponibilidade para com esse outro, onde mostramos o quão somos privilegiados pela confiança em trazer sua história de vida e, acima de tudo, vivenciar o caminhar junto com ele, experienciar esse momento como um encontro pautado em não emissão de juízos de valor, pré-conceitos e pré-concepções. Benício, Gomes & Castro (2023)

E também fica o reconhecimento que há muito mais a ser feito, muito há a contribuir para com esta parcela da população (Meira & Castro, 2023). A participação dos discentes necessita ecoar ao longo de toda sua formação acadêmica e humana, não sendo mais quem era antes, mas reinventando-se, re-encontrando-se, a cada semestre, percorrer a trilha de ir em busca do outro, nesse lançar-se em possibilidades inúmeras que é fazer psicologia, nunca isolada, nunca segregada, nunca exclusiva, afinal, compreenderam que as situações são vivenciadas pelos adolescentes em condição de caos. Por outro lado, compreenderam também que caos é movimento, é possibilidade, é permitir ir além do que está posto e mergulhar na própria historicidade que construiu no decorrer de nosso caminhar. Ir ao encontro do outros é permitir-se entender que não somos natureza humana, muito menos condição humana. Somos conquista! (Meira & Castro, 2023)

REFERÊNCIAS

- Aberastury, Arminda & Knobel, Maurício. (1988) *Adolescência normal*. Artes Médicas.
- Bandeira, Cláudia de Moraes & Hutz, Cláudio Simon. (2010) As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 131-138.
- Benício, Branca Cecília, Gomes, Kétora Pereira Gonçalves & Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2023) O espelho, a família, o voo de Pégasus: A existencialidade adolescente no Plantão Psicológico. *AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 261-282.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2017) A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, Ewerton Helder Bentes de. (org.). (2017) *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. Appris
- Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2019) *Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica* - Appris.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de; Meira, Janderson Costa; Silva, Atália Maria Schaeken; Macêdo, Elcilene Lima de; Alencar, Emanuel Herbert Elias & Silva, Gabriela Monteiro da. Plantão psicológico em escolas do sistema público de



- ensino: o estágio básico em Psicologia e sua pluridimensionalidade. IN: *AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*, Vol. 17, número 1, jan-jun, 2024, pág. 8-36.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2020) A clínica psicológica e a pesquisa em seus encontros, des-encontros e re-encontros: des velando olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (2020). *Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica* – Appris, p. 157-176.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2021) Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2021) *Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades* – Editora Dialética, p. 309-330
- Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2021) Violência sexual contra a mulher: diálogo Fenomenológico. *Quaderns de Psicologia*, v. 23, n 1, e 1633, <https://doi.org/10.665/rev/qpsicologia.1633>
- Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2023). Plantão psicológico em escolas da rede pública de ensino em Manaus: possibilidades e perspectivas. *AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 9-32.
- Carmo, Paulo S. (2004) *Merleau-Ponty: uma introdução*. EDUC.
- Cautella Júnior, Walter. (2009) Plantão Psicológico em hospital psicológico. In Morato, Henriette Togneti Penha Morato (Org.). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios* (pp. 161-175). Casa do Psicólogo.
- Coelho Junior, Leconte de Lisle. (2022) *Práticas de estágio básico em psicologia* [livro eletrônico] Editora Amplla, 142 p.
- Chaves, Priscilla Barros & Henriques, Wilma Magalhães. (2008) Plantão Psicológico: de frente com o inesperado. *Psicologia Argumento*, 26(53), 151-157.
- Collier, Gary; Minton, Henry L.; Reynolds, Graham. (1996) *Escenarios y tendencias de la Psicología Social*. Tecnos, p.486-533.
- Cury, Daniel Plantão Psicológico na escola: presença que mobiliza. In M. Mahfoud (Org.), *Plantão psicológico: novos horizontes* (pp. 49 79). São Paulo: Companhia Ilimitada, 1999.
- Doescher, Andréa Marques Leão; Henriques, Wilma Magaldi. (2012) Plantão psicológico: um encontro com o outro na urgência. *Psicologia em Estudo*, 17(4): 717-723, out.-dez.
- Erikson, Erik H. (1976) *Identidade Juventude e Crise*. Zahar.



- Falabretti, Ericson. (2008) Merleau-Ponty: o problema mente-corpo e o comportamento. In: Candiotti, Cesar (Org.). *Mente, cognição e linguagem*. Champagnat.
- Giorgi, Amedeo & Souza, Daniel. (2010) *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Fim do Século.
- González-Rey, Fernando. (2003) *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thomson.
- Heidegger, Martin. (2013) *Ser e Tempo*. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.
- Lima, Flávio Lúcio Almeida; Carvalho, Ana Rosa Rebelo Ferreira de; Pires, Geanne Moraes. (2020) Plantão psicológico como estratégia de clínica ampliada: uma revisão integrativa. *Revista Saúde e Ciência online*, v. 9, n. 1, (janeiro a abril de 2020), p. 152-169. Ribeiro
- Lopes Neto, Aramis A. (2005) Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164-172.
- Mahfoud, Miguel; Drummond, Daniel; Brandão, Juliana; Silva, Roberta. (2004) Plantão Psicológico na escola: presença que mobiliza. In MAHFOUD, Miguel (Org.), *Plantão psicológico: novos horizontes* (pp. 49-79). São Paulo: Companhia Ilimitada
- Mahfoud, Miguel. (2018) Subjetividade como acontecimento, central e pessoal e plantão psicológico: horizontes reabertos. In Giovanetti, José Paulo (Org.) *Fenomenologia e psicologia clínica*, ed. Artesã, p. 53-71.
- Merleau-Ponty, Maurice. (2000) *Parcours deux – 1951-1961*. Éditions Verdier.
- Merleau-Ponty, Maurice. (2011) *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto de Ribeiro Moura. Martins Fontes.
- Meira, Janderson Costa & Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2023) O adolescer, a escuta, a fala e o ser-possível de alunos no plantão psicológico. *AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 51-70.
- Oliveira, Jéssica dos Santos J.S; (2014) *Reflexões acerca da Relevância do Plantão de Escuta Psicológica na Contemporaneidade*. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - Campus I. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) Curso de Graduação em Psicologia. Campina Grande.
- Outeiral, José Ottoni. (1994) *Adolescer: estudos sobre adolescência*. Artes Médicas.
- Paes, Jane da Silva & Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2023) A processualidade desse Eu que cuida: as vivências dos plantonistas pela ótica do supervisor.



AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação.
Vol. 16, número1, jan-jun, 2023, pág.158-176

Pereira, Denis Guimarães & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019) *Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa*. In: Castro, Ewerton Helder Bentes de. (Org.) (2019) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica – Appris*, p.15-32.

Vygotsky, Lev Semionovitch. (2007) *A formação social da mente*. Martins Fontes.

Vygotsky, Lev Semionovitch. (2003) *Pensamento e Linguagem*. Martins Fontes.

Autores:

Mauro Batista Negreiros

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Especialista em Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas pela Universidade Estadual do Amazonas – UEA. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Kuriós. Bacharel em Psicologia pela UFAM. Docente da Faculdade de Tecnologia da Amazônia – FATEC. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Supervisor no Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. E-mail: m.b.negreiros@hotmail.com Orcid <https://orcid.org/0000-0002-0535-4567>.

Jane da Silva Paes

Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Especialista em Psicologia Clínica de Base Fenomenológica pelo Instituto de Ensino Vision. Especialista em Saúde Coletiva pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Bacharel e Psicologia pela UFAM. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). Professora do curso de Psicologia da Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO). Preceptora em Psicologia na Pós-graduação em Saúde Pública com ênfase em Estratégia de Saúde da Família (UEA/ESAP). Vice Coordenadora da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Supervisora no Projeto de Extensão Plantão



Psicólogo em escolas do sistema público de ensino em Manaus. E-mail: janedasilvapaes@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9683-8518>

Emilly Rose Oliveira de Paiva

Graduanda em psicologia pela faculdade de Tecnologia da Amazônia Fatec. E-mail: emillyroseolieviradepaiva@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-6793-1076>

Gustavo Lima Da Silva

Graduando em psicologia pela faculdade de tecnologia da Amazônia Fatec. Email: xgustavosoadx@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-8431-907X>

Jéssica Tatiana Pereira Mota

Graduanda em psicologia pela faculdade de Tecnologia da Amazônia Fatec. Email: jesspm2018@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-4831-9015>

Karla Valentina Cruz Garcia

Graduanda em Psicologia pela faculdade de tecnologia da Amazônia – FATEC. Email: karla151927@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0565-0700>

Márcio Gomes Ribeiro

Graduando em psicologia pela Faculdade de Tecnologia da Amazônia. E-mail: marcioleandrog12@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/> <https://orcid.org/0009-0001-7951-7453>

Maria Cláudia da Cruz Oliveira

Graduanda em psicologia pela faculdade de Tecnologia da Amazônia Fatec. Email: m_claudia02@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2981-0017>

Marcos Vitor Rodrigues Sangues

Granduando em psicologia pela faculdade de Tecnologia da Amazônia Fatec. Email: Vitor.marcos.18sd@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-8269-1276>



Silvana Castro Leite

Graduanda em psicologia pela faculdade de tecnologia da Amazônia- FATEC. E-mail: silvanna.teen@gmail.com Orcid: [HTTPS://orcid.org/0009-0004-4513-048X](https://orcid.org/0009-0004-4513-048X)